

# SIGNIFICADOS E PRÁTICAS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Priscila Geâne Araújo Oliveira<sup>1</sup>  
Roberta de Kássia R. Rodrigues<sup>2</sup>  
Jaileila Menezes<sup>3</sup>

## Resumo

Neste artigo analisaremos os significados e práticas sobre gênero e sexualidade das professoras de crianças de 4 a 5 anos de idade da educação infantil. Tivemos como referências principais Guacira Lopes Louro contribuindo com as discussões de gênero e sexualidade na sociedade atual carregada de estereótipos heteronormativos, Michel Foucault com a concepção de poder e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI, com os conteúdos e objetivos postos para essa faixa etária. Para tal, foram observadas e entrevistadas quatro professoras da Rede Municipal de Ensino do Recife, as quais apresentaram inseguranças nas definições das temáticas, expressaram preconceitos, além de afirmarem o despreparo para lidar com situações que pudessem surgir, indicando a necessidade de formação para tal, além de desconhecem o que está posto nos referenciais curriculares. Dessa forma, chegamos à conclusão que o posicionamento das professoras é carregado de influências culturais, familiares, religiosas, as quais refletem diretamente em suas práticas, realidade que deve ser modificada, visando o desenvolvimento integral das crianças, em atenção ao direito à informação qualificada que lhes possibilite autonomia.

Palavras-Chave: Gênero. Sexualidade. Educação Infantil. Prática Docente.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir das nossas lembranças de uma educação opressora percebemos a existência de um silenciamento quanto às temáticas de gênero e sexualidade. Assim, discutir sobre essas temáticas é um desafio que permeia a própria sociedade como também a prática pedagógica dos docentes das diferentes áreas e modalidades de ensino. Trabalhar tais temáticas na educação infantil em especial, é romper com estereótipos, visto que a sociedade ainda tem uma concepção de que essas questões não deveriam ser tratadas na infância. Dessa forma, é sabido que "viver plenamente a sexualidade era em princípio, uma prerrogativa da vida adulta, a ser partilhado com um parceiro do sexo oposto, um assunto pessoal e particular que se confidenciava a alguém próximo" (LOURO, 2000, p.1).

---

<sup>1</sup> Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. priscilageane@hotmail.com

<sup>2</sup> Concluinte do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. roberta\_tininha@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora Doutora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacional (DPOE) do Centro de Educação (CE) e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) leilaufrj@hotmail.com

De acordo com essa afirmativa, a sexualidade era um assunto que não deveria ser mencionado na infância, que deveria ser trabalhado apenas na fase adulta. Esse é um discurso que ainda permeia na sociedade atual.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a sexualidade é um assunto a ser discutido desde a infância:

A sexualidade infantil se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue se manifestando de forma diferente em cada momento da infância. A sua vivência saudável é fundamental na medida em que é um dos aspectos essenciais de desenvolvimento global dos seres humanos (BRASIL, PCN, 1997, p.117).

Nossas inquietações surgiram não só pela percepção de um silenciamento e por estereótipos sobre a sexualidade e gênero, mas também, através de dúvidas de estudantes de pedagogia sobre como trabalhar gênero e sexualidade em sala de aula, uma vez que na atual sociedade, novas sexualidades vão surgindo, novos arranjos familiares vão sendo formados e o discurso da sexualidade vai se modificando e se ampliando (LOURO, 2000).

Sendo assim, tentaremos entender como os profissionais da educação infantil têm tratado tais temáticas visto que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) estabelece relações explícitas quanto à sexualidade e também ao gênero:

O espelho continua a se fazer necessário para a construção e afirmação da imagem corporal em brincadeiras nas quais meninos e meninas poderão se fantasiar, assumir papéis, se olharem. [...] É importante possibilitar diferentes movimentos que aparecem em atividades como lutar, dançar, subir e descer de árvores ou obstáculos, jogar bola, rodar bambolê etc. Essas experiências devem ser oferecidas sempre com o cuidado de evitar enquadrar as crianças em modelos de comportamentos estereotipados, associados ao gênero masculino e feminino, como, por exemplo, não deixar que as meninas joguem futebol ou que os meninos rodem o bambolê. (BRASIL, RCNEI, 1998, v. III, p. 3.)

Diante do supracitado, nos amparamos no RCNEI visto que este se caracteriza como "guia de reflexão de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam diretamente com crianças de zero a seis anos, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira".(BRASIL, RCNEI, 1998, v. II, p. 7)

As evidências de questões envolvendo Gênero e Sexualidade estão presentes nas mídias, nas roupas, nas músicas e são situações que são presenciadas pelas crianças e jovens,

são temáticas que precisam ser esclarecidas, debatidas ludicamente e naturalmente no âmbito escolar, em especial na Educação Infantil, muito embora, compreenda-se que "são inúmeros os desafios sobre a sexualidade que se apresentam aos docentes, gerados por situações cotidianas" (MINUSCOLI; SANTHIER; FURLAN et al, 2007, p.3).

A discussão e análise dessas questões se fazem necessárias para contribuir a aprofundar as reflexões em torno dos preconceitos que levam às práticas discriminatórias, pois as sociedades constroem verdades que representam as normas e os/as que não se enquadram ficam à margem. Sendo assim, o atual modelo aceito ainda é o homem, heterossexual, branco, de classe média alta. Quem fica de fora dos padrões, é marginalizado e não aceito. Segundo Guacira Lopes Louro (2000), "a heterossexualidade é concebida como "natural" e também como universal e normal. "(p. 10).

A partir de uma educação silenciosa quanto ao gênero e a sexualidade na sala de aula, seja desde os anos iniciais aos finais da escolaridade, esse trabalho deu uma atenção especial principalmente aos profissionais da educação infantil na tentativa de identificar suas concepções e práticas sobre gênero e sexualidade.

A partir de pesquisas realizadas através do site da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), especificamente na página do Centro de Educação (CE)<sup>4</sup>, foi feito um levantamento de Trabalhos de Conclusão de Curso - TCCs referentes às temáticas Gênero e Sexualidade no período de 2005 até 2013. Verificou-se que nesse período poucos artigos trataram de tais temáticas, fato que pode ser atribuído à oferta de disciplinas que tratem das temáticas, as quais sabemos que, no Perfil atual do Curso de Pedagogia da UFPE, são apenas duas e eletivas, ou seja, os estudantes podem optar se desejam ou não as cursar.

No total foram encontrados seis artigos. Desses, quatro eram referentes à sexualidade<sup>5</sup>; dois à temática gênero<sup>6</sup>. Contudo, nenhum deles articulava gênero e sexualidade. Além disso, a escolha de nosso tema deu-se também pelo fato de termos percebido no decorrer do Curso de Pedagogia, seja nas Pesquisas e Práticas Pedagógicas (PPPs), como também em nossos

---

<sup>4</sup> Endereço do site: [http://www.ufpe.br/ce/index.php?option=com\\_content&view=article&id=369&Itemid=301](http://www.ufpe.br/ce/index.php?option=com_content&view=article&id=369&Itemid=301)

<sup>5</sup> GRIZZE, D. B.; SANTOS, F. F.; OLIVEIRA, P. Sexualidade em discursos de alunos do ensino fundamental do Recife. 2010.

PEREIRA, G. D.; FERREIRA, S. P. A. A relação família-escola na abordagem da educação sexual de crianças na pré-escola. 2012.

MOURA, E. S.; CAVALCANTI, T. C. F. Educação inclusiva: Sexualidade e deficiência intelectual. 2010.

ALBUQUERQUE, D. C. A.; VIANA, P. S. O.; FILHO, O. P. Discurso, educação e sexualidade: O significado da educação sexual em discursos de docentes das séries iniciais da cidade do Recife. 2009.

<sup>6</sup> MOURA, R. P. S.; MENEZES, J. A. Práticas educativas e questões de gênero em um coletivo de jovens mulheres do movimento hip hop de Recife. 2013.

SANTOS, A. P. R.; FERNANDES, A. M.; CARVALHO, R. T. Mídia, gênero e educação de jovens e adultos: A telenovela e processos de subjetivação. 2007.

estágios em escolas, que desde cedo as crianças apresentam uma curiosidade especificamente aos órgãos genitais, estes que até então eram escondidos pelas fraldas.

Dessa maneira, vimos à importância de focar nas práticas dos professores da educação infantil, pois segundo o RCNEI :

A reação dos adultos às explorações da criança de seu próprio corpo e aos jogos sexuais com outras crianças lhe fornecem parâmetros sobre o modo como é vista a sua busca de prazer. Esse contexto influencia seus comportamentos atuais e a composição de sua vida psíquica. A recepção dos adultos a suas explorações ou perguntas ligadas à sexualidade podem suscitar diferentes reações, desde atitudes de provocação e exibicionismo até atitudes de extremo retraimento e culpa (BRASIL, RCNEI, 1998. v. II, p. 19).

Assim sendo, nos debruçamos sobre a temática dos Significados e Práticas de professor (as) da educação infantil sobre gênero e sexualidade. Na tentativa de responder a seguinte questão "Quais os significados produzidos por professores(as) da educação infantil, da Rede Municipal de Educação do Recife, sobre gênero e sexualidade? Quais implicações em suas práticas? Existem dificuldades de lidar com essas temáticas? Quais são elas? Estão agindo de acordo com o que está posto RCNEI?.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 GÊNEROS, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO INFANTIL**

As categorias Gênero e Sexualidade estão imersas no cotidiano da vida social, presentes em diversos espaços, escolares ou não, que ultrapassam fronteiras disciplinares. No Brasil não é diferente, esses temas são mostrados em piadas, na TV, na internet, em revistas e em muitos outros meios, e as crianças não ficam de fora desse mundo de informações, imagens e expressões que perpassam suas vidas, ou seja, há uma ligação direta com as novas tecnologias da informação e comunicação. Assim, é interessante compreender as questões, dúvidas e curiosidades que essas temáticas suscitam.

A partir de indagações que surgem durante o processo de existência das crianças sobre gênero e sexualidade é possível elaborar soluções adequadas às dúvidas e curiosidades que as crianças apresentam, considerando que uma boa explicação para a pergunta elaborada poderá implicar um conforto psicológico para que a criança siga em suas investigações e produção de entendimentos sobre seus temas de interesse. Camargo e Ribeiro (2003) ressaltam que a

informação necessária e adequada, que possibilite a construção de uma informação qualificada faz com que as crianças se sintam tranquilas com relação às questões relacionadas à própria sexualidade e possam se desenvolver conscientes dos seus direitos. Da mesma forma a temática gênero irá também estar articulada a sexualidade na medida em que desde cedo as crianças começam a perceber a ordem de permissões e proibições atreladas às performances socialmente julgadas como adequadas ao seu sexo biológico. De acordo com Scott (1980, p.21) o gênero é um “Elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.”. Assim, o gênero é uma categoria que vai além da visão biológica e binária exercida pelo viés da reprodução.

Já a sexualidade é um processo amplo, cultural e inerente ao desenvolvimento infantil. De acordo com Michel Foucault:

A sexualidade é o nome que pode ser dado a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1997, p. 100).

Dessa forma, as crianças, quando entram na escola se deparam com um espaço novo. A educação infantil é uma etapa que vai do zero aos seis anos de idade e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96 estabelece que a educação infantil é a primeira etapa da educação básica e que nesta fase as temáticas gênero e sexualidade precisam ser abordadas. Deve-se levar em consideração que as crianças podem se deparar com situações que lhes causem confusões, essas advindas de articulações conceituais do senso comum, que por muitas vezes são apropriadas de forma tão sutil, mas que posteriormente podem gerar consequências, devido à escassez de abordagem das temáticas gênero e sexualidade no âmbito da educação infantil (LOURO, 2008), uma dessas situações é o abuso sexual (o estupro).

## 2.2 FORMAÇÃO DOCENTE.

A Educação, tendo por base o ensino, demanda aos profissionais da área, no caso os(as) professores(as), a qualificação de suas práticas, de preferência através da Formação Continuada. Tal afirmativa é em decorrência das mudanças ocorridas na sociedade no decorrer dos anos, as quais as professoras não querem falar sobre, mas os estudantes veem e

escutam em outros ambientes. Entre essas, trataremos especificamente de gênero e sexualidade, as quais, mediante aos novos arranjos familiares e exploração por meio da mídia, têm gerado dificuldades em sala de aula no tocante às práticas adequadas ao tratamento dos temas.

A formação continuada visa o aprimoramento de suas práticas através de estudos, cursos, reflexões, tendo como princípio de que os(as) professores(as) são

profissionais que criam e constroem conhecimentos sobre o processo ensino-aprendizagem, os professores, em sua maioria, vêm sentindo e reconhecendo a importância de estarem envolvidos, constantemente, num processo de crescimento pessoal, cultural e profissional."(FIGUEIRÓ, 2006, p. 4)

Seguindo a ideia da formação adequada ao profissional da Educação Infantil, é necessário que haja uma formação inicial a esse, sendo essa através do curso de Pedagogia, o qual tem um currículo voltado ao ensino dos anos iniciais e como resalta Giroux (1995, p.100) "a pedagogia deve ser responsabilizada ética e politicamente pelas histórias que produz, pelas asserções que faz sobre as memórias sociais e pelas imagens do futuro que considera legítimas". Dessa forma, deve-se ter a clareza das ideias e propriedade na maneira em que estas serão repassadas e/ou construídas junto aos alunos.

### 3.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA INTERFACE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

A temática gênero e sexualidade há muito tempo foi considerada como impossível de se discutir nas escolas, para que não fosse levantada a curiosidade das crianças em relação ao assunto. No entanto, sabe-se que tal discussão muitas vezes ajuda as crianças a esclarecer suas dúvidas e preocupações, além de propiciar um melhor entendimento sobre o seu próprio corpo.

Para tanto, é necessária uma compreensão de sexualidade, por parte do profissional da educação infantil "como um processo amplo, cultural e inerente ao desenvolvimento das crianças" (BRASIL, RCNEI, 1998, v. II p. 20), a qual facilitará a ação do professor no que diz respeito às formas de exploração dessa temática.

A questão de gênero está diretamente ligada à sexualidade, visto que desde o ventre da mãe começam as aspirações sobre o sexo do bebê, já planejando como será o futuro deste a

partir desta “determinação”. Após o nascimento, vêm as roupas, os brinquedos, as brincadeiras, esses que irão variar de acordo com o sexo, nos que se colocam como balizadores das construções e relações de gênero.

Nas instituições da sociedade, especificamente na escola, os(as) professores(as) "orientam e reforçam habilidades específicas para cada sexo, transmitindo expectativas quanto ao tipo de desempenho intelectual considerado “mais adequado”, manipulando recompensas e sanções sempre que tais expectativas são ou não satisfeitas." (VIANNA; FINCO, 2009, p. 273).

Dessa forma, deve-se salientar a importância da formação do profissional da educação infantil e perceber que :

Uma identidade profissional constrói-se com base na significação social da profissão; na revisão constante dos significados sociais da profissão, na revisão das tradições. Mas também na reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque são preces de saberes válidos às necessidades da realidade, do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se também pelo significado que cada professor, como ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano com base em seus valores, seu modo de situar-se no mundo, suas histórias de vida, suas representações, seus saberes, suas angústias e seus anseios. (PIMENTA, 1997, apud GOMES, 2009, p. 41).

As atividades e brincadeiras não devem ser direcionadas de acordo com o gênero e seus correspondentes comportamentais esperados, há que se dá o direito de apresentação das diversas formas de gênero na escola, estimulando a autonomia das crianças, visto que o contexto escolar "pode ser um espaço propício para o não-sexismo. É importante que o profissional que trabalha na educação de crianças pequenas tenha consciência deste potencial". (FINCO, 2003, p. 96)

É necessário que o paradigma sexista seja extinto dos ambientes de educação infantil, tal como os incentivos às práticas em que "Os riscos, inovações e exposições exageradas são permitidos aos meninos, enquanto as meninas, tidas como frágeis e delicadas, devem se comportar de modo mais contido e dentro das regras estabelecidas para a brincadeira" (SILVA; LUZ, 2010, p.29).

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e os resultados foram interpretados com base nos contextos dos entrevistados, no sentido de que esta tenha sido articulada com seu universo de crenças e experiências que circunscrevem os significados produzidos acerca das temáticas gênero e sexualidade na infância. Partimos do princípio que

A ação humana tem sempre um significado (subjetivo ou intersubjetivo). O significado subjetivo diz respeito ao que se passa na mente das pessoas consciente ou inconsciente e o significado intersubjetivo se refere ao conjunto de regras e normas que favorecem o compartilhamento de crenças por grupos de pessoas inseridas em determinado contexto sociocultural. (FRASER; GONDIM, 2004. p. 141-142).

Para entender o contexto das participantes através da coleta de dados e a partir de entrevistas semiestruturadas, a qual nos deu a autonomia de fazer alterações no roteiro durante o processo da entrevista sempre que necessário. Para a construção da entrevista foram levados em consideração blocos temáticos orientadores do roteiro:

1. Dados de identificação dos professores;
2. Questões sobre a formação docente para o trabalho com as temáticas gênero e sexualidade na educação infantil.
3. Questões sobre as dificuldades e inquietações diante as expressões da sexualidade e da relação de gênero entre crianças da educação infantil;
4. Questões sobre os Significados das professoras sobre gênero e sexualidade.

Cada bloco continha situações estratégicas que envolviam as temáticas, como reportagens, cartaz de evento e extratos de falas de crianças sobre as temáticas para que pudesse aproximar o docente dos temas e de sua realidade. A tentativa foi não só apresentar perguntas às docentes, mas sim entender como agiriam em sala de aula com as situações que apresentamos.

Iniciamos o trabalho de coleta de dados entrando em contato com algumas escolas da Rede Municipal de Ensino do Recife, no entanto, devido à aproximação do recesso escolar, apenas uma escola permitiu que fizéssemos a coleta, mas não foi fácil convencer as professoras a participarem, pois estas alegaram que o semestre estava prestes a fechar e que as atividades que fariam seriam arbitrarias. Foi necessário um primeiro contato com a direção da escola para informar o objetivo da pesquisa e o procedimento que foi utilizado. Com a devida autorização, foram realizadas visitas à instituição para a realização de entrevistas com as docentes.



Mediante a autorização das professoras, procedemos a um período curto de observações de suas aulas, uma aula por professora, na tentativa de contextualizar situações de intervenção ou ausência de intervenção docente quanto às expressões de gênero e sexualidade entre alunos/as da educação infantil. Caso no período de observação não tivesse havido nenhuma situação significativa, nos ampararíamos nas situações que compuseram nosso roteiro de entrevista, como explicado anteriormente.

Foram entrevistadas quatro professoras – da Rede Pública Municipal de Ensino do Recife, das quais os perfis socioeconômicos e de formação serão descritos na Metodologia, subseção 3.1.2, referente às Informações dos Sujeitos, páginas 10 - 11. Tínhamos o intuito de entrevistar mais professores(as), independente do gênero desses, mas a única escola que aceitou participar da pesquisa só tinham professoras do sexo feminino.

As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas em áudio com o devido termo de consentimento das entrevistadas, ficando cientes que seus nomes não serão divulgados. As entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas.

Procederemos a uma análise inspirada na Análise Crítica do Discurso (ACD) que procura uma margem global da ordem social, tentando analisar não só o discurso do enunciador, mas quem é esse enunciador, qual seu contexto levando sempre em consideração os problemas sociais, a desigualdade social e os abusos de poder, que ocasionam injustiças sociais. A ACD advoga no caráter de mudança social pela via do discurso, investe na observação e análise de grupos em desvantagem social.

A ACD (Análise Crítica do discurso) contribui para mudar a sociedade mostrando criticamente que o discurso é um instrumento poderoso e dominador tanto de uma pessoa sobre a outra, quanto de um grupo a outro grupo.

A ACD sustenta-se na noção de que o discurso constitui e é construído por práticas sociais, sobre as quais se podem revelar processos de dominação e abuso de poder e aumenta a consciência de que a linguagem contribui para a dominação de uma pessoa sobre a outra, tendo em vista a consciência como primeiro passo para a emancipação. (MELO, 2009, p. 9)

Especificamente utilizamos um tipo de análise da ACD : O discurso como prática social. Nesse tipo de análise busca-se verificar as ideologias que são significações, construções da realidade dos sujeitos, das instituições, enfim, uma forma singular de detectar os abusos de poder nos discursos que são ideológicos e hegemônicos.

As ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, NORMAN, 2001, p. 117)

Sendo assim, tivemos nesse trabalho primeiramente uma atenção especial aos sujeitos e suas ideologias e a relação hegemônica nos discursos. A busca pelo contexto e o perfil dos sujeitos são apenas o ponto inicial deste trabalho. Dessa forma, ao analisarmos grifaremos as falas que consideramos resultantes de um processo socialmente construído.

### 3.1 CONTEXTO ESCOLAR E SUJEITOS.

#### 3.1.1 Informações da escola.

A escola campo se caracteriza como de pequeno porte, possuindo apenas doze salas, sendo cada uma ocupada por no máximo vinte crianças, uma sala de professores, uma sala de direção, uma sala de coordenação, uma secretaria, uma biblioteca, uma sala de vídeo, uma sala de informática, uma sala de arte, uma cozinha, cinco banheiros, um depósito de material e um depósito de merenda.

A instituição está situada na Região Político Administrativa (RPA) 4 de Recife, em uma comunidade que possui um histórico de acontecimentos violentos, segundo a fala de diversos funcionários da escola, apresenta um alto índice de violência, o que acarreta diversos transtornos para a comunidade escolar, como exemplo a falta de alunos, realocação de professoras.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, este está pautado nos princípios éticos de solidariedade, liberdade, participação e justiça social, os quais surgiram da necessidade de uma proposta voltada para construção de uma escola cidadã, buscando a construção da identidade da escola e a definição dos compromissos assumidos pela mesma. No entanto, isso requer a definição de objetivos que apontem principalmente para a superação dos problemas vivenciados na escola e a busca de alternativas viáveis.

#### 3.1.2 Informações dos sujeitos.

A docente A possui superior completo em pedagogia, pela Universidade Federal de Pernambuco no ano de 2008. Sua última formação foi o SBPC (Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência) em 2013. É casada, mora com a mãe, o marido e o filho. Sua renda varia entre um e três salários mínimos. Sua religião é protestante e seu sexo é feminino e sua orientação sexual (O.S.) é heterossexual.

A docente B possui superior completo em letras pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE) no ano 1989, Seu último congresso foi de leitura e também um curso de extensão em metodologia da pesquisa. É solteira, mora com os pais. Sua renda varia entre um a três salários mínimos. Sua religião é espírita e seu sexo é feminino e sua O.S. é heterossexual.

A docente C possui superior em pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco no ano de 2002. Possui uma pós em gerenciamento e processos educacionais, pela Universidade de Pernambuco (UPE) no ano de 2009. Seu último congresso foi sobre tecnologia da educação. É divorciada, mora com o filho de 27 anos. Sua renda varia entre um a três salários mínimos. Considera-se cristã e seu sexo é feminino e sua O.S. é o heterossexual.

A docente D possui superior em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco no ano de 1982. Possui uma Licenciatura Plena em Ensino Médio (Esquema 1) pela FAFIRE no ano de 1989. Sua última formação foi através das Formações continuadas em Educação Infantil. Mora com o esposo e dois filhos. Sua renda familiar varia entre cinco e sete salários mínimos. É católica, seu sexo é feminino e sua O.S. é heterossexual, a qual considera o "normal".

Assim, as quatro professoras são do sexo feminino, com O.S heterossexual, duas são casadas, uma é solteira e uma divorciada. São de religiões distintas, uma católica, uma protestante, uma espírita, uma cristã. Três têm e moram com os filhos e outra mora com os pais. Duas professoras são graduadas em Pedagogia, uma em Letras e uma em Serviço Social, nenhuma delas com formação específica em relação às temáticas gênero e sexualidade. Em nossos Resultados e discussões ficará clara a influência da formação acadêmica e religiosa das professoras em suas práticas.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 SIGNIFICADOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA DOCÊNCIA**

Compreender o que as docentes entendem por gênero e sexualidade é fator essencial para entender suas práticas. Ou seja, suas ideologias, seus modos de pensar são construções da realidade que as rodeiam, mediante o contexto cultural, histórico e social de suas vidas.

Assim, a partir das falas e situações que apresentamos às docentes, buscou-se a significação, seu contexto e suas ideologias e tentar explicar o sentido de suas ações.

Na tentativa inicial de analisar o que as docentes entendem por gênero foi utilizado o extrato de fala abaixo de uma criança de 4 anos. Foi mostrado às docentes o extrato e perguntamos às mesmas qual a compreensão que a criança possui para tentar buscar o que elas pensam sobre gênero.

Ao apresentarmos o recorte "Aqui é um homem porque ele é forte. Olha o muque dele." (Felipe, 4 anos), todas as docentes afirmaram que existem questões de gênero presentes na sociedade e que papéis são atribuídos sobre os homens e também sobre as mulheres.

De que **ele é homem porque ele é forte**. E que **a mulher** é aquela **eterna fragilidade**. O que a sociedade pregava, o que eu acho que **avançou muito**, que a mulher é frágil, que a mulher é o sexo frágil, **mas na realidade é sexo forte**. (Grifo nosso. Fala da Professora C).

Segundo as quatro professoras, a sociedade avançou, não necessariamente aos homens cabem a função do ser forte e viril. Masculinidades são configurações específicas constituídas em situações particulares e mutáveis. (CECCHETTO, 2004). Desta maneira a masculinidade é construída e a feminilidade também é, demarcando papéis e modelos socialmente aceitos. Dessa forma pode-se afirmar que as professoras da educação infantil percebem mudanças que reposicionam as mulheres com relação aos homens.

No que se refere à sexualidade, apresentamos o extrato de fala abaixo de uma criança de 5 anos e buscou-se, do mesmo modo que o gênero, indagar as docentes sobre qual compreensão a criança possui no extrato de fala para tentar identificar o que as docentes pensam sobre a sexualidade.

Ao apresentarmos o recorte "O neném primeiro fica na barriga. Depois, sai pela perereca" (Maria Luísa, 5 anos), todas as docentes afirmaram que as crianças possuem entendimento sobre como nascem os bebês e que isso foi conversado em casa ou por alguém. "Ela tá bem entendida, né? Acho que **foi bem ensinado e bem explicado a ela em casa**, porque eu acho que **na escola a gente tenta não falar**" (Professora A). Apenas uma docente,

afirmou que a criança entendia sobre a sexualidade e que poderia ter aprendido em casa, com alguém ou na escola. “Ela foi orientada, ela foi **ensinada por alguém**, talvez **os pais**, ou **uma professora** que abordou o assunto por um motivo ou por outro” (Docente C).

Assim percebe-se que as docentes compreendem que a criança entende como nascem os bebês e que certamente foi conversado com elas (as crianças). No entanto, nenhuma delas afirmou que a criança possui entendimento sobre a sexualidade, porque ela (a criança) entende sobre o funcionamento do seu próprio corpo e apenas a docente A afirmou que a sexualidade poderia ter sido discutida na escola. Assim sendo, Louro afirma que

Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores "bons" e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... (1997, p.61)

Ou seja, é necessário que não haja uma cisão entre o corpo e sexualidade. Deve-se trabalhar a integração, problematizando sobre o corpo como forma de se aproximar da discussão de outros temas sobre sexualidade.

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida das pessoas. Os indivíduos sentem prazer nas relações que vão além da ordem reprodutiva natural. Entender o funcionamento de seu corpo, os desejos e prazeres se fazem necessário na escola. Principalmente porque as crianças precisam entender seus corpos e como se dão na cultura em que estão inseridas. A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil. (LOURO, 1998). Esses discursos mostram que apenas a família seria responsável pelo tratamento da sexualidade e conseqüentemente desresponsabilizam a escola de tratar da sexualidade.

Após apresentarmos os extratos de fala das crianças, procuramos verificar se as docentes já se depararam com algum tipo de situação em sala de aula que envolvesse gênero e sexualidade e como agiram. Em seguida, perguntamos às docentes o que as mesmas compreendiam pelas temáticas abordadas na tentativa de entender seus posicionamentos. Os discursos e a forma como agiram foram diferentes.

A docente A quando perguntada se já havia presenciado alguma situação que envolvesse gênero na educação infantil, afirmou:

Eu **tive assim uma menina que gostava de brincar com os meninos**, das brincadeiras dos meninos. Aí os meninos gostavam de **chamar ela de mulher homem, mas eu combatia**. Ela é uma menina! Ninguém decide isso! Vocês são crianças, entendeu?(Grifo nosso. Fala da Docente A).

A docente, diz “ter combatido” a situação por ter dito que as crianças não decidem “isso”, porém investe numa postura interventiva de silenciamento, ao invés de aprofundar a questão com as crianças. Poderia ter buscado o discurso do respeito mútuo entre as crianças ou levar em consideração que independente da criança ter o sexo biológico feminino não necessariamente deve brincar e gostar das mesmas coisas que a sociedade construída como feminino. As meninas também podem brincar com outros brinquedos. Pensamentos machistas na década de 60, contribuía para uma lógica em que os meninos e meninas não pudessem participar das mesmas coisas por fatores biológicos.

A Educação Física no final dos anos 60, "considerava-se as mulheres como homens diminuídos: como 'homens truncados' ou 'homens pela metade'. Concepções como essas vêm impedindo que seja proposta às meninas a realização de jogos ou atividades físicas tidos como masculinos, ou, na melhor das hipóteses, obrigam a que se ajustem ou se criem novas regras para os jogos — a fim de que esses se ajustem à "debilidade" feminina.(LOURO,1997.p.73)

Pensamentos como estes contribuem para uma prática desigual quanto às questões de gênero. Da mesma maneira em que se considera que existem esportes que são considerados para meninas e meninos na década de sessenta, surgem divisões entre esportes e formas de lazer, as brincadeiras também possuem divisões como citado anteriormente no extrato de fala da docente A. O gênero é uma categoria que vai além da visão biológica e binária exercida pelo viés da reprodução, é uma construção social e deve ser moldada a um discurso de denúncia das desigualdades que resultam em privilégios para uns em detrimento de outros.

Quando perguntada sobre a importância da discussão sobre sexualidade na educação infantil a mesma afirmou:

eu combato na minha sala quando o menino chama o outro de ...fica xingando ah, você é gay não sei o quê..aí eu combato.Eu digo: “Olhe, ele não é! Ele é menino! Ele só vai decidir isso quando ele fizer 18 anos. E se ele vai ser ou não vai ser **ninguém têm nada haver com isso**. É isso que eu converso com eles. Eu tento me colocar numa **postura neutra**. (Grifo nosso. Fala da Professora A).

Nesse pequeno extrato de fala, observamos várias concepções operando, por ora elas são complementares, por ora antagônicas. Há uma concepção de que o marcador etário é

decisivo na tomada de decisões. E aqui um dos perigos é não pensar a sexualidade como processo de experimentação que ocorre ao longo da vida. Quando afirma que "ninguém tem nada a ver com isso", por um lado valoriza a liberdade individual na tomada de decisões, por outro lado deixa de considerar que nossa liberdade é condicionada aos contextos socio econômico culturais e políticos. A possibilidade de tomar e manter uma decisão também está atrelada a condições que favorecem nossa autonomia. Nesse sentido, devemos sim investir na implicação das instituições sociais como família e escola como contextos significativos para a desconstrução de posturas homofóbicas, heterossexistas, misóginas, etc. Investir na total liberdade do sujeito para a tomada de decisões e esvaziar a esfera pública, o Estado e as instituições sociais como circuitos fundamentais para a construção de uma sociedade democrática e pautada na justiça social.

Sendo assim, percebe-se a indiferença da docente nesse tipo de situação e novamente não propõe o respeito às diferenças prefere ficar em uma postura neutra. Na observação de sua aula, manteve-se a indiferença e a neutralidade. Pois, houve um momento em que um menino estava brincando com as meninas de panelinha e a auxiliar de sala separou ele das meninas por estar brincando com brincadeiras consideradas femininas. A auxiliar brigou e ameaçou a criança de dizer à mãe dele caso continuasse a brincar com as meninas. A docente A, preferiu não se envolver. Em outros momentos da entrevista a mesma se colocou da seguinte maneira: “Então, **eu tento me colocar** na parte **mais neutra possível**, apesar das minhas convicções e minhas crenças eu não imponho pra os meus alunos". De acordo com Guacira: O silenciamento — a ausência da fala aparece como uma espécie de garantia da "norma". (LOURO, 1997, p. 68)

Após termos perguntado sobre as vivências em relação ao gênero e a sexualidade foi perguntada à docente qual seu entendimento sobre as temáticas. No que se refere ao gênero a mesma afirmou ser: “Os papéis, através do sexo **biológico**”. No que se refere à sexualidade, afirmou: “Assim das curiosidades das crianças a partir do **biológico** pra descobrir o que são capazes de fazer”.

Através dos processos culturais definimos o que é ou não natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. A inscrição dos gêneros feminino ou masculino nos corpos é feita, sempre no contexto de uma determinada cultura. (LOURO, 1999, p. 3)

Diante das situações vivenciadas em sala de aula sobre o gênero e a sexualidade pode-se dizer que o discurso da professora A é um discurso indiferente, a mesma procura se manter em uma postura pautada na política da neutralidade, não aprofunda a discussão quando esta

surge. Ainda, no que se referem aos conceitos das temáticas estes se reduzem a uma visão biológica, sugerindo que tanto o gênero quanto a sexualidade estão diretamente relacionados à questão biológica e não consegue fazer distinção entre as temáticas.

A docente B, afirmou que já se deparou com situações que envolvem gênero na educação infantil. “Ontem, tava acontecendo isso, **os meninos** estavam a brincar de fazer **carrinho** e as **meninas** elas **não se misturam**, não é?”. Na observação de sua aula pode-se notar a separação de meninos e meninas na hora do lanche, das brincadeiras. A professora B, trata as situações como natural, diferentemente da professora A que identifica a situação, mas prefere não interferir. Assim, naturalizando os papéis de gênero, a docente contribui para as relações de desigualdades de gênero, principalmente quando sabe-se que, historicamente, as mulheres vivem em desvantagens sociais.

No que se refere à sexualidade a mesma informou a situação da seguinte maneira: Estavam lá uma **se esfregando** na outra, beijos e mais beijos e aí foi num é? Chamei as duas e disse: Olhem que brincadeira era essa? E **duas meninas desse jeito**, de jeito nenhum, vão brincar de outra coisa. Aí tive que **recorrer à direção**, optamos por **chamar as mães** pra ver o que estava acontecendo. Assim, percebe-se nessa situação que houve reatualização do código de controle social à sexualidade das crianças, tanto pelo marcador etário quanto pelo marcador heteronormativo.

Quando perguntamos à docente sobre o que a mesma entende por gênero a mesma disse: O **gênero é feminino, masculino**. Quando perguntamos sobre a sexualidade: “A **sexualidade** está dentro de tudo. Sexo **masculino, feminino**”.

No que se refere aos conceitos a mesma trata tanto o gênero, quanto a sexualidade de forma igual quando sabe-se que são distintos. De acordo com Louro (LOURO, 1997, p. 25) “O gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o”.

Assim, o gênero é transcendente à sexualidade na medida em que é através do gênero que as sociedades se organizam e atribuem separação de trabalho, por exemplo, juntamente com a classe, etnia entre outros. Já “A sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, processos profundamente culturais e plurais”. (LOURO, 1999, p. 2)

Pode-se afirmar que a professora B possui um discurso naturalizado em relação à heterossexualidade, indicando que é anormal qualquer outra orientação diferente desta, postura que garante a heteronorma e não faz distinção entre gênero e sexualidade.



A docente C também afirmou que já presenciou questões de gênero na educação infantil, segundo ela: “Uma menina chegou pra mim um dia e falou pros coleguinhas que quando crescer **ela vai querer arrumar uma namorada**, mas ela gosta de jogar bola de gude, faz pipa e isso aí vai ser definido futuramente”. A docente C obtém uma postura correta a princípio em relação ao tratamento do gênero com as crianças. Mas peculiarmente a docente C, em outros momentos da entrevista trouxe situações preconceituosas contra homossexuais, bissexuais e isso se deve a fatores religiosos. A docente narrou que ao apresentar um formulário “Um aluno fez:- **Tia, num tem aí homossexual não?** Aí eu respondi a verdade: Olhe meu filho, Deus só criou dois sexos, homem e mulher, agora **as opções, os desvios, são a opção de cada um**”. Quando a docente apresenta que a homossexualidade é um desvio, a mesma afirma que os homossexuais não se encaixam no padrão heteronormativo e aponta um dispositivo de exclusão das outras identidades sexuais. “A predominância das ideias religiosas na tentativa de justificar preconceitos”. (DINIZ E CAVALCANTE, 2008, p. 105). Percebe-se que a justificativa para o preconceito advém das questões bíblicas, religiosas. A linguagem é um fator que pode contribuir para as desigualdades entre gênero, sexo, etc.

A linguagem reflete e reproduz os significados que marcam as desigualdades de gênero, sexuais, raciais, etc. Desigualdades essas que podem contribuir para a manutenção das representações que constroem o preconceito, a discriminação, o sexismo, etc. (FURLANI, 2008, p. 123).

Ou seja, é necessário estar atento à linguagem, o que se fala, como se expressa, pois a mesma pode gerar/sustentar desigualdades sociais.

No que se refere à sexualidade a mesma afirmou ter presenciado a seguinte situação: “**O menino tirou “a pinta”<sup>7</sup> e mostrou pra ela e ela também tirou**, mostrou e um deles que era primo dela, pegou e enfiou o dedinho”. Aí na mesma hora eu **leve o caso à direção**. Eu digo, eu **não quero apanhar de mãe não**. Sendo assim, percebe-se que a docente levou o caso a direção por sentir temor familiar.

Quando foi perguntado sobre o que compreendia por gênero: “**Gênero é tudo que a gente conversou aqui, né? Essa questão de definição de sua sexualidade**”. Quando perguntado sobre o que a mesma pensa sobre sexualidade a mesma afirma: “**Tem a ver com gênero**, eu disse que **gênero era tudo que envolvia sexualidade**, homem e mulher”. Há o entendimento de que gênero e sexualidade são a mesma coisa. Quando sabe-se que estão integrados, possuem relações mas são temáticas distintas. Como já explicado anteriormente.

---

<sup>7</sup> Denominação do órgão sexual masculino em uma variante linguística.

Assim, pode-se afirmar que a docente C tem suas práticas educativas sobre gênero e sexualidade fortemente influenciadas pelo discurso religioso. E que a mesma não compreende a diferença entre as temáticas.

A professora D afirmou ter presenciado também uma situação que envolveu gênero na escola, narrando um episódio em que “**O menino estava passando muito tempo no banheiro com o coleguinha**, mas a gente não tem acesso ao banheiro”.

No que se refere a alguma situação vivenciada sobre a sexualidade a docente responde: “O menino **tocando no outro**. Mas aí eu **separei sem reprimir**, porque depois poderia causar alguma coisa”.

Quando perguntada sobre o que entendia por gênero: “É uma questão muito forte que tem que ser trabalhada e pensada”. Indagamos novamente a docente e a mesma respondeu: “É difícil né? Por que é um tema novo, inovador”. A docente não responde a pergunta, não sabe como definir.

O discurso da professora D durante todo o processo da entrevista e observações aponta que não se deve reprimir quando situações surgem sobre as temáticas, mas também da mesma maneira que a professora A não há uma preocupação em intervir de maneira qualificada, apontando as questões de respeito às diferenças, às questões de auto cuidado, de as crianças conhecerem seus próprios corpos. As professoras ao mesmo tempo que excluem o tratamento dessas temáticas também afirmam que sentem inúmeras dificuldades de trabalhá-las.

De acordo com Furlani, “A Educação Sexual para crianças deve privilegiar a afetividade mútua” como a justificativa para a aproximação das pessoas, no estabelecimento dos mais diversos relacionamentos (amizade, namoro, casamento, união) (FURLANI, 2008, p. 117). Sendo assim, começar a trabalhar questões de afeto, amor, respeito a partir dos diversos arranjos familiares é uma maneira de dar início às questões de gênero e sexualidade na escola. O afeto funciona como uma estratégia epistêmica, com efeitos diretos na representação da identidade homossexual, sobretudo de sua ressignificação social (FURLANI, 2008, p. 117). Desse modo, a abordagem da temática sexualidade deve ser iniciada nas escolas. A temática gênero pode ser explorado a partir de questões familiares, além dos diversos arranjos que estão surgindo, com ilustrações entre outros recursos didáticos.

#### 4.2 DIFICULDADES E INQUIETAÇÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA.

De acordo com as discussões apresentadas até aqui, não há como negar a presença de situações que envolvem o gênero e a sexualidade na sala de aula na educação infantil. De acordo com Louro, os professores e professoras sentem dificuldades em lidar com essas temáticas por falta de preparo por uma questão que é historicamente marcada pelas negações da diversidade sexuais e de gênero, além da falta de discussões e formações em volta dos temas.

Essa dificuldade de discutir esses temas dentro do ambiente escolar, uma vez que os/as educadores/educadoras são vulneráveis, sentem-se inseguros/inseguras e sem qualquer preparo para discutir os temas gênero e sexualidade ou para conviver com alunas/nos de diferentes identidades sexuais e de gênero. Provavelmente sentem-se assim, por um processo histórico de negação às diversidades sexuais e de gênero, principalmente quando o que está em pauta é um espaço escolar embasado por perspectivas essencialistas e normatizantes acerca das identidades. (LOURO, 2003, p. 41)

Diante disso, procuramos compreender quais as principais dificuldades apresentadas pelas professoras estudadas neste trabalho. Pois, também saindo de uma formação em Pedagogia, tivemos poucas discussões e formações no que concerne às temáticas.

De acordo com as Docentes as dificuldades de lidar com as temáticas geram insegurança que se deve à falta de formação. “**Formação.** A prefeitura não dá. É a **falta da informação** mesmo. A gente se sente despreparado” (Docente B). A falta da informação, dos conteúdos e de como trabalhá-los, são ausentes nas escolas e os docentes se sentem inseguros, não sabem como lidar com as temáticas de gênero e sexualidade que surgem na escola. Na universidade também, um exemplo são nossos currículos e a não oferta de disciplinas na área.

A escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 1997, p. 85-86).

Sendo assim, a omissão da escola, a falta de formação dos docentes, (re)produzem desigualdades de gênero e sexualidade. Mas, se dissemos que a prática da escola é uma prática política e que pode ser transformada, abrem-se caminhos para diminuição das desigualdades.

Um outro fator que dificulta o trabalho das temáticas na escola é a família:

Então, **se o professor diz uma coisa que a família não concorde** e que o aluno chegue em casa falando, entendeu? **Aí isso é muito sério!** Então **por isso que a gente tem é...no meu caso eu tento não me... conversar muito** na questão **de gênero e de sexualidade.**(Grifo nosso. Fala da Docente A).

Todas as instituições da sociedade geram exclusões, por ter concepções de que as questões de gênero e sexualidade não devem ser tratadas na escola. Por outro lado, deveria dar importância a essas questões justamente na escola e na família e não deixar que a mídia ou o acaso se encarregue de lidar com essas questões. Mas essa invisibilidade se deve à própria construção histórica, como já mencionado. Mas que precisa ser mudada, pois o contexto atual necessita de tratamento com a pluridade e as diferenças, além do acesso às informações, bem como a rapidez com que ocorrem.

Outro fator que dificulta o trabalho é o conflito profissional com o pessoal. A docente A afirma que: “E se for uma coisa muito além do normal, porque o normal seria: tia por que a gente tem pinto? Tia por que a menina é diferente? **Aí essas coisas estão dentro das minhas possibilidades** pra eu estar respondendo”. Ou seja, se as perguntas das crianças estiverem dentro daquilo que ela tem como correto e coerente com seus valores a docente conversa, caso não, passa a ficar neutra. Não há uma preocupação profissional para lidar com essas situações, ao mesmo tempo em que há um conflito nessas relações em outras partes da entrevista. Por exemplo, quando perguntada se iria a um evento envolvendo essas temáticas a mesma disse que iria como profissional, mas como pessoa não iria, pois não concorda com as ideologias do evento<sup>8</sup>.

#### 4.3 PRÁTICAS E CONCEITOS DAS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL X O QUE ESTÁ POSTO NO RCNEI.

Tendo exposto os conceitos e posicionamento das professoras sobre situações de gênero e sexualidade e também dificuldades encontradas na escola, sentimos a necessidade de identificar o que está posto como coerente ao trabalho com crianças em relação a essas temáticas nos documentos, nos referenciais curriculares. Dessa forma, inicialmente, o RCNEI "pretende apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos"(BRASIL, RCNEI, 1998, v.II, p.7).

<sup>8</sup> II Seminário de Gênero e Educação da UFPE. Temáticas abordadas: aborto, transexualidade, homens feministas, machismo e homofobia na educação escolar, assédio sexual, parto humanizado e muito mais.

Nesse sentido, ao serem questionadas sobre sexualidade, as professoras, em sua maioria, tentaram expressar fala de respeito, essa que foi posta em contradição à medida que seus posicionamentos foram expostos. Ao serem questionadas sobre a influência da formação acadêmica, A Professora C atribuiu sua postura à formação que teve, a qual considerou ter possibilitado um pensamento crítico "sem preconceito, separando os meus conceitos, ou até as vezes unindo, dependendo do caso". Mas, revendo os posicionamentos desta, não consegue separar sua formação religiosa de sua prática, como fica evidente ao ser questionada por um aluno a respeito da falta da alternativa homossexual em um formulário: "**Olhe meu filho, Deus só criou dois sexos, homem e mulher, agora as opções, os desvios, são a opção de cada um**". A Professora D disse que "cada um tem que ter seu espaço e respeito", e também atribuiu uma parcela de sua postura à sua formação, "passei a entender um pouco mais sobre o assunto né, de ter até outra atitude em relação às coisas, de até a respeito à diversidade, mas aprovando o **respeito** de cada um, a postura de cada um".

No entanto, como já foi mencionado, ao serem questionadas sobre suas posturas relacionadas à violência vivenciada por mulheres, gays e lésbicas dentro das universidades, consideraram como algo comum de acontecer. A professora C atribui essas ações à "essência má do ser humano", pois considera que "a educação não transforma ninguém". Todas as professoras disseram que a formação não as prepara para as situações que surgem na sala de aula, "você chega na prática é muito diferente, você vê situações que você diz: Aí meu Deus! O que é que eu falo? O que é que eu faço? O que eu digo? Então é muito difícil." (Professora A). A Professora B afirma que "essas coisas que estão muito presentes agora e eu acho que a gente tá muito carente nesse sentido de informação. A gente se sente despreparado".

De acordo com o RCNEI,

A ação do professor de educação infantil, como mediador das relações entre as crianças e os diversos universos sociais nos quais elas interagem, possibilita a criação de condições para que elas possam, gradativamente, desenvolver capacidades ligadas à tomada de decisões, à construção de regras, à cooperação, à solidariedade, ao diálogo, ao respeito a si mesmas e ao outro, assim como desenvolver sentimentos de justiça e ações de cuidado para consigo e para com os outros. (BRASIL, RCNEI, 1998, v.II, p.43)

Dessa forma, é necessário que as educadoras criem situações que possibilitem a aprendizagem de uma postura de respeito e compreensão das diferenças e particularidades das pessoas e das relações sociais. Mas, para que essa postura seja possível, o educador necessita de uma formação adequada, na qual é primordial que todas as categorias relacionadas ao

desenvolvimento humano sejam discutidas à medida que os tornem capazes de agir corretamente em cada situação que possa surgir. E, até então, nenhuma das professoras tiveram formação específica para trabalhar com essas temáticas.

A professora C afirmara que é necessário também que haja "a preparação dos familiares para dizer que entre outras disciplinas, entre outros temas, tem também a educação sexual". A Professora A concorda por pensar que "é difícil, porque a gente não sabe a postura dos pais e quando a gente tenta entrar nesse tema da sexualidade... eu acho que todos os professores tentam não entrar em muitos detalhes porque se a criança distorce...". Então, há um certo receio do que os pais podem fazer com eles, os professores, ao saberem que estão trabalhando com sexualidade e gênero. A Professora B afirmou que "acho que seria importante tanto para os pais quanto para os professores participarem de palestras que tocassem sobre esses temas". A Professora D considera que "A questão da **religião** está muito presente no preconceito. Mães evangélicas que são contra o trabalho com essas temáticas, porque não são esclarecidas sobre a educação sexual".

Duas das quatro professoras apresentaram um pensamento de que as crianças ainda são muito pequenas e não entendem. Já a Professora C pensa que "eles estão no auge da sexualidade, se descobrindo né", no entanto narrou que certa vez uma "menina chegou pra mim um dia e falou pros coleguinhas que quando crescer ela vai querer arrumar uma namorada", mas pensa que "**isso aí vai ser definido futuramente**", mesmo pensando que "a criança já vem pra escola com o gênio formado e vem de casa ", ou seja não há uma certeza em seu discurso. A professora A ao presenciar uma criança falando que a outra era gay, entrevistou dizendo "Olhe, ele não é! Ele é menino! Ele só vai decidir isso quando ele fizer 18 anos".

O RCNEI segue o pensamento oposto, ao dizer que é necessário incentivar as crianças, visto que "A possibilidade de desde muito cedo efetuarem escolhas e assumirem pequenas responsabilidades favorece o desenvolvimento da autoestima, essencial para que as crianças se sintam confiantes e felizes" (BRASIL, RCNEI, 1998, v. II, p.11).

Um pensamento que ficou muito presente e foi ressaltado por todas as entrevistadas, fica claro na fala da Professora B, ao dizer que " esse tema ainda não está muito divulgado, muito exposto nesse sentido dentro de escola". Na verdade, o que acontece é o fechar de olhos para os acontecimentos. Fato esse que ficou claro ao observarmos a aula da Professora A. Nessa aula presenciamos crianças retratando cenas de sexo, uma criança que ao brincar com uma boneca colocou-a na posição horizontal no chão, deitou em cima da boneca e começou a roçar se movimentar de diferentes formas sobre ela.

Três das professoras pensam que deveria existir um momento, uma disciplina específica para tratar as questões relacionadas ao gênero e à sexualidade, mas como dito pela Professora C " uma disciplina pra não assustar falar sobre a questão de gênero, homossexualidade, educação sexual na faculdade, mas trabalhar todos os temas". Percebe-se que as questões de gênero são atreladas só ao homoafetivo e às mulheres, o que pode ser atribuído por as questões de gênero surgirem a partir da virada paradigmática dos estudos feministas. A professora A afirma que não tem embasamento teórico para lidar com certas situações, além de pensar que "na educação infantil é muito precoce isso aí, entendeu? Eu acredito que não tinha necessidade disso na educação infantil desses temas assim", dessa forma consideram que o ideal seria ter uma pessoa de fora para falar com as crianças sobre essas temáticas. Nenhuma das professoras têm conhecimento do RCNEI, dos objetivos e conteúdos relacionados à educação infantil, muito menos o que se passa em relação às temáticas questionadas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Iniciamos nossa pesquisa partindo do pressuposto que trabalhar sobre as temáticas gênero e sexualidade, especificamente na Educação Infantil, seria um desafio para as/os professoras(es), visto que vivemos em uma sociedade carregada de estereótipos, os quais foram construídos e reforçados ao longo da história da humanidade, esses que são influenciados não só pela mídia, mas pela formação familiar, religiosa e escolar.

Dessa forma, foi constatado que os significados produzidos sobre gênero e sexualidade das professoras da Educação Infantil têm total influência em suas experiências de vida, as quais refletem em suas práticas pedagógicas. De acordo com os discursos e posturas das docentes identificados neste trabalho, foram verificados posicionamentos de neutralidade em relação às temáticas, naturalização da heteronormatividade, os quais foram evidenciados nos momentos em que as docentes omitiram o acesso das crianças à informação qualificada, ao não aprofundarem a discussão sobre as temáticas de gênero e sexualidade, sempre que surgia uma situação propícia para tal.

No que se refere às dificuldades apontadas pelas docentes, identificamos a insegurança das mesmas em relação às temáticas por falta de formação específica para trabalhá-las, a qual tem início na graduação, visto que as duas únicas disciplinas que falam sobre as temáticas são eletivas. Outro fator que dificulta o trabalho das docentes é o conflito entre suas ideologias pessoais e profissionais, principalmente quando essas estão relacionadas à religião. Ou seja,

muitas discussões deixam de acontecer por elas não serem a favor das situações que possam surgir, como por exemplo a homossexualidade, o surgimento dos desejos na infância, do conhecimento dos corpos, etc.

A sociedade e a família também são fatores que dificultam o trabalho das docentes, pois elas afirmam que estes são contra o trabalho de gênero e sexualidade na escola. Dessa forma, as professoras têm receio do que os pais possam fazer com elas.

Por fim, pensamos que nosso trabalho pode contribuir para trabalhos futuros, uma vez que as docentes alertam para a falta de formação específica sobre gênero e sexualidade, por alegarem que não têm embasamento teórico, por não saberem se as posturas que estão exercendo são corretas, além de não terem conhecimento das leis direcionadas para a Educação Infantil, constantes no RCNEI. Ou seja, é necessário que haja uma formação específica sobre as temáticas, a qual deve ser oferecida pela Rede Municipal de Ensino do Recife. Apesar de as docentes apresentarem um discurso influenciado pela religião, apesar dos discursos heteronormativos, elas demonstram disponibilidade e interesse em mudar, em repensarem os pontos de vista sobre as temáticas, expressaram o desejo em aprofundar seus conhecimentos e é nesse espaço que as políticas públicas poderiam atuar.

Portanto, não se pode unicamente responsabilizar a escola para tratar essas discussões, uma vez que, toda a sociedade é fundamental para o desenvolvimento integral do ser humano, mas a escola possui um papel formativo e político e disso não podemos esquecer. A omissão dessas questões resultam em desigualdade de gênero e a privação de as crianças conhecerem sobre seus corpos e desejos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p 117 .

---

*Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/ SEF, 1998. Volumes 2 e 3.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s):** a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Ed. FGV, Rio de Janeiro, 2004.



DINIS, Nilson Fernandes; CAVALCANTI, Roberta Ferreira. **Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia**. Pro-Posições, Campinas, v. 19, n.2, ago. 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. diversidade**. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: EDUEL, 2006.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação: Universidade de Campinas, Campinas, v.14, n.3 (42), p.109-101, set./dez. 2003.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa**. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2004, vol.14, n.28, pp. 139-152. ISSN 0103-863X.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FURLANI, Jimena. **Mulheres só fazem amor com homens? A Educação Sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo**. Pro-Posições, v.19, n.2, 2008.

GIROUX, Henry. **Praticando estudos culturais nas Faculdades de Educação**. In: SILVA, T. T. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de professores na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2009.

LOURO, Guacira. Lopes. (org). O Corpo Educado: **Pedagogias da Sexualidade**. Autêntica: Belo Horizonte. 2000.

\_\_\_\_\_. **Gênero e Sexualidade**. As múltiplas “verdades” da contemporaneidade. **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ Vozes: 1997.

\_\_\_\_\_; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-52.

MELO, Iran Ferreira. **Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções**. Letra Magna, v. I, p. 01-02, 2009.

- MINUSCOLI, Maritânia F.; SANTHIER, Marli. F.; FURLAN, Samira; ZOTTI, Solange. **Sexualidade e Ludicidade na Educação Infantil**. Universidade do Contestado - UNC. 2007.
- SILVA, Isabel de Oliveira; LUZ, Iza Rodrigues da. **Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero**. *Cad. Pagu* [online]. 2010, n.34, pp. 17-39. ISSN 0104-8333.
- VIANNA, Cláudia; FINCO, Daniela. **Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder**. *Cad. Pagu*[online]. 2009, n.33, pp. 265-283. ISSN 0104-8333.